

## 6.1 ARTIGO 1

### **ENTREVISTA FENOMENOLÓGICA EM GRUPO COM FAMÍLIAS VÍTIMAS DO AMIANTO: CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO MEDIADA PELA INTERSUBJETIVIDADE**

**Objetivo:** o estudo teve como objetivo descrever a vivência de realizar entrevista fenomenológica em grupo com famílias contaminadas por amianto, à luz da filosofia de Maurice Merleau-Ponty.

**Método:** trata-se de um estudo qualitativo, de abordagem fenomenológica, que ocorreu no município de Bom Jesus da Serra, Bahia, Brasil, em agosto de 2022, por meio de entrevista fenomenológica em grupo com oito famílias em domicílios. As descrições vivenciais foram analisadas por meio da técnica da Analítica da Ambiguidade.

**Resultados:** o estudo mostrou que a entrevista fenomenológica realizada em grupo acrescenta, de forma significativa, às modalidades de produção de informações utilizadas nas pesquisas de abordagens qualitativas, uma vez que promove a relação dialógica e intersubjetividade, características fundamentais à ruptura da dicotomia sujeito-objeto, tão refutada pelas ciências humanas. Os encontros com as famílias, mediados pelas entrevistas, consistiram em oportunidades de partilha de sentimentos, reflexões, produção de saberes e construções teóricas, relacionadas à temática da contaminação por amianto.

**Conclusão:** o estudo contribuiu para ratificar a entrevista fenomenológica em grupo como ferramenta produtora de intersubjetividade e conhecimento que, no contexto da saúde, poderá subsidiar a formulação de políticas de cuidado à saúde aos diversos grupos sociais, a exemplo das famílias vítimas da contaminação por amianto.

**DESCRITORES:** Amianto. Entrevista. Família. Filosofia. Pesquisa Qualitativa.

## INTRODUÇÃO

A história da exploração do amianto no Brasil se iniciou na década de 1930, na mina de São Félix, no município de Bom Jesus da Serra, interior da Bahia e perdurou até 1967, quando houve o esgotamento de suas reservas e a Sociedade Anônima de Mineração (SAMA) deslocou a exploração para a mina de Canabrava, em Minaçu, Goiás.<sup>1</sup> A mina de São Félix produziu milhões de toneladas de lã de amianto<sup>1</sup> e expôs, de diversas maneiras, a comunidade do entorno às fibras do amianto, que são nocivas à saúde e podem causar diversos tipos de doenças incuráveis como câncer de pulmão, mesotelioma, asbestose, placas pleurais, dentre outras.<sup>2-6</sup>

A exposição ao amianto pode ocorrer por contato ambiental, que acontece pelo acesso indireto à produtos que contenham fibras do amianto, rejeitos ou até mesmo roupas utilizadas pelos mineradores, enquanto a exposição ocupacional é o contato direto com as fibras por parte dos trabalhadores, sendo a principal forma de contaminação.<sup>7</sup> Em Bom Jesus da Serra, a exposição ambiental e ocupacional às fibras do amianto e o descaso da empresa empregadora para com a população resultaram em um legado de danos ambientais e sociais, impactando a saúde da comunidade local e regional.<sup>1</sup> Para aqueles que vivem a experiência da contaminação por amianto o sofrimento é único, o que nos faz pensar sobre a singularidade da experiência de viver com a doença do amianto, que pode repercutir em crises nos aspectos sociais, emocionais, econômicos, políticos e familiares.<sup>8-9</sup>

Em revisão narrativa da literatura realizada no período de janeiro de 2022 à maio de 2024, por meio de material digital veiculado no Portal de Periódicos da CAPES e no Google Acadêmico, utilizando os termos de busca “asbesto” AND “família”, e seus correlatos em inglês e espanhol, notamos a escassez de referências disponíveis. Foram encontrados estudos que ressaltam a família como a unidade central do cuidado,<sup>1,10-12</sup> que assume as decisões necessárias durante a caminhada terapêutica, vivenciam alto nível de estresse e desestruturação em torno da doença, insegurança diante da possibilidade da morte, além da preocupação relacionada à exposição de seus integrantes à fibra mortal. O grupo familiar enxerga o processo de adoecimento como um “calvário”, por se tratar de doença agressiva e incurável, e, por isso, a família enfrenta um luto antecipado de seu familiar moribundo.

Desse modo, fomos instigadas a nos achegar à esfera mais íntima de pessoas contaminadas por amianto, que é a família, a fim de ouvir, compreender e descrever

suas vivências. Para tanto, optamos por utilizar a abordagem fenomenológica, que possibilita, fundamentalmente, “retornar às coisas mesmas”, ou seja, descrever as vivências que se desvelam à percepção,<sup>13</sup> mediante relação intersubjetiva com os participantes da pesquisa. Entre as abordagens fenomenológicas, o pensamento de Maurice Merleau-Ponty pareceu-nos mais aproximativo à descrição vivencial a que propusemos.

Dentre as várias técnicas de produção de informações em pesquisas qualitativas que poderíamos lançar mão, identificamos que, em se tratando da abordagem escolhida, a entrevista fenomenológica seria a mais adequada ao estudo; contudo deparamo-nos com o desafio de não encontrar, a priori, estudos que tivessem utilizado a entrevista fenomenológica em grupo como técnica de descrição vivencial, uma vez que era a nossa intenção entrevistar o grupo familiar coletivamente. Autores apontam como técnicas mais utilizadas em estudos fenomenológicos a entrevista fenomenológica individual e o grupo focal.<sup>14-15</sup> Logo, em consonância com o pensamento merleau-pontyano, a entrevista fenomenológica realizada em grupo constituiria um “impensado”, uma lacuna no conhecimento, a partir da qual poderíamos refletir e construir um novo.

Nessa perspectiva, ocorreu-nos algumas indagações: considerando que, a partir da fenomenologia, entende-se que todo conhecimento acontece na relação, na intersubjetividade, por que, então, os pesquisadores insistem em defender a “individualidade” das respostas dos participantes nas pesquisas? Não seria isto um paradoxo à própria noção de fenomenologia, que significa fazer ver o ser (vivências) se desvelando na intersubjetividade? Se a fenomenologia nasce e se desenvolve refutando as dicotomias sujeito e objeto; ser humano e natureza; alma e corpo, por que, mesmo optando por esse referencial filosófico para fundamentar os estudos, ainda há a preocupação com a neutralidade na pesquisa?

A partir dessas e de outras questões e, considerando o princípio da intersubjetividade dos estudos fenomenológicos e da intercorporeidade da filosofia de Merleau-Ponty, decidimos por utilizar a entrevista fenomenológica na modalidade coletiva. Assim, esse artigo emergiu da questão: como se vivencia a experiência de realizar entrevista fenomenológica em grupo? Como a pesquisa envolveu um tema específico, para responder à pergunta, o objetivo do estudo consistiu em descrever a vivência de realizar entrevista fenomenológica em grupo com famílias contaminadas por amianto, à luz do pensamento de Merleau-Ponty.

Com esse construto intencionamos, essencialmente, corroborar aquilo que já compreendemos em relação ao referencial filosófico em foco e estabelecer a entrevista fenomenológica, também, como técnica de entrevista em grupo, capaz de produzir saberes na dialogicidade, intersubjetividade e corporeidade.

## MÉTODO

Trata-se de um estudo qualitativo, de abordagem fenomenológica, que ocorreu no município de Bom Jesus da Serra, Bahia, Brasil, em agosto de 2022. Os participantes do estudo foram 19 pessoas, integrantes de oito famílias contaminadas por amianto. Em cada grupo familiar, havia uma pessoa com diagnóstico de doença do amianto: placa pleural ou asbestose. Consideramos que a família está contaminada por amianto porque, mesmo que membros não possuam o diagnóstico de doença asbesto relacionada (DAR), toda a família vive / (com)vive à sombra da possibilidade de adoecer por contato prévio com material contaminado e sente os desdobramentos da doença por coexistência com o familiar adoecido.

As famílias escolhidas atenderam aos critérios de inclusão: estar cadastrada na Associação das Vítimas Contaminadas por Amianto e Famílias Expostas (AVICAFE) e possuir, pelo menos, um membro vivo com diagnóstico de doença relacionada ao amianto. Para exclusão, definimos: ser membro familiar menor de 18 anos. Foi considerado como familiar, não apenas aquele que possuísse vínculo consanguíneo, mas, também, alguém que fosse significativo para a pessoa com doença do amianto.

Integrantes da AVICAFE se disponibilizaram e fizeram a escolha intencional e aleatória de famílias contaminadas por amianto cadastradas na associação. O convite para a participação na pesquisa foi feito pelo presidente da associação no domicílio da família, momento em que foi acordado o dia e o horário para a realização das entrevistas, que ocorreram, posteriormente, nos domicílios pelas pesquisadoras.

Para a produção das descrições das *vivências de famílias contaminadas por amianto*, optamos pela entrevista fenomenológica face a face com os grupos familiares. A entrevista foi iniciada com a pergunta disparadora, que buscou suscitar em cada pessoa e no grupo familiar a retomada de suas vivências: “*Como tem sido para vocês conviver com a doença do amianto?*” Além da entrevista, construímos

também um diário de campo, instrumento de registro de observações, que permite a escrita de impressões pessoais sobre falas, comportamentos e relações.<sup>16</sup>

O processo compreensivo das descrições vivenciais resultantes das entrevistas e do diário de campo, ocorreu por meio da leitura do material à luz da Analítica da Ambiguidade,<sup>17</sup> técnica desenvolvida tendo por base duas matrizes teóricas: a redução fenomenológica eidética, na tentativa de fazer ver a essência daquilo que se desvela à percepção, e a filosofia de Merleau-Ponty, também designada de Ontologia da Experiência, em função de sua leitura sobre o ser.

Conforme orientações para a aplicação da Análise de Ambiguidade,<sup>17</sup> seguimos as etapas: transcrição das gravações na íntegra no Microsoft Word; organização das descrições; leituras minuciosas do corpus textual; experiência perceptiva sobre as descrições, buscando reconhecer naquilo que se mostra uma generalidade intercorporal; objetivações expressas em ambiguidades e, por fim, transmutação da dimensão sensível à reflexiva.

O artigo é fruto da pesquisa de doutorado intitulada “Vivências de famílias contaminadas por amianto acerca de sua saúde mental durante a pandemia da COVID-19”, que, por sua vez, é um subprojeto da pesquisa guarda-chuva “Saúde mental da família em seu ciclo vital em tempos de pandemia de COVID-19”, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Antes de iniciar a entrevista, esclarecemos sobre os objetivos do estudo e lemos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após o aceite em participar da pesquisa, os integrantes do grupo familiar assinaram o TCLE.

## **RESULTADOS**

As entrevistas fenomenológicas foram realizadas na perspectiva merleau-pontyana da percepção figura-fundo, o que envolve as noções de intersubjetividade e intercorporeidade do autor. O contato dialógico estabelecido durante as entrevistas possibilitou o desvelamento do estilo de cada pessoa, os gestos, as falas, a expressão facial, os movimentos corporais. Tudo isto se traduz na formação da figura, a qual se percebe de antemão, por meio da experiência sensível e reflexiva; sendo este o processo compreensivo que nós, enquanto pesquisadoras, desenvolvemos à luz da Analítica da Ambiguidade.

Percebemos a figura à medida que focamos em seu contorno, no entanto, reconhecemos que ela se assenta sobre um fundo, de onde podem emergir muitas outras, basta que escapemos da figura que nos ocorreu de imediato, de seu contorno, e atentemos para o fundo. O que é figura torna-se fundo, e o que é fundo torna-se figura. Esta é a dinâmica operativa de nossa experiência perceptiva, por isso, a percepção é sempre ambígua. E, por conseguinte, nenhuma fala, nenhum gesto corporal, nenhuma resposta a uma questão de pesquisa é suficientemente “boa” para explicitar a vivência por inteiro. Aliás, nenhuma vivência é inteira, e nunca o será! Pois, como se pode captar, essencialmente, no pensamento de Merleau-Ponty, nós somos carne porosa, assim, no encontro de corpos com essa natureza não há lugar para o ponto final na produção de determinado saber.

A figura, aquilo que se mostra de imediato, que salta aos nossos olhos, está sempre vinculada a dois horizontes, passado e futuro. Segundo a noção de temporalidade, o horizonte de passado se refere à retomada de vividos retidos, sejam vividos reflexivos ou irrefletidos, mas que se atualiza no presente como inovação, porque traz consigo a criatividade. Já o horizonte de futuro, é sempre em perspectiva, é virtual, mas é o que nos move a seguir em frente, a transcender.<sup>13</sup>

No universo da pesquisa e, mais centradamente, na pesquisa fenomenológica, o pesquisador (a) e os participantes da pesquisa, como seres temporais, se fundem, seus horizontes de passado e de futuro se entrelaçam e, como diz Merleau-Ponty, ocorre um turbilhão, uma reversibilidade e um quiasma.<sup>19</sup> E é desse entrelaçamento que nasce o conhecimento, que se produz saberes. Partindo dessa compreensão é que faz sentido a realização da entrevista fenomenológica grupal, pois a intenção é aprofundar a relação dialógica, mobilizar o sensível e o reflexivo, instigar a percepção.

Então, nas entrevistas fenomenológicas, fez-se necessário fitar a figura que se revelava, aquilo que a pessoa expressava, que estava visível, mas, também, foi preciso buscar compreender o invisível, o que havia por trás da fala e dos gestos. Em nossa experiência nesta pesquisa, à medida que íamos realizando as entrevistas, percebíamos que a nossa habilidade era aprimorada, no sentido de realçar o invisível, o fundo, ao mesmo tempo em que precisávamos compreender quais figuras estavam se formando, o que pôde ser convertido em alguma pergunta intuitiva de nossa parte, com a intenção de tornar mais claro o movimento figura-fundo.<sup>13,18-19</sup>

Para tanto, foi necessário manter a concomitância entre o ‘se debruçar’ sobre a Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty e realizar a pesquisa de campo, o

que possibilitou também a construção de uma ‘atitude fenomenológica’ e uma relação sujeito-sujeito, durante as entrevistas. Da análise das descrições vivenciais, emergiram duas categorias: ‘Relação estabelecida entre pesquisadoras-grupo familiar’, e ‘Relação estabelecida entre os integrantes do grupo familiar’.

## **RELAÇÃO ESTABELECIDADA ENTRE PESQUISADORAS-GRUPO FAMILIAR**

Na vivência de entrevistar, fenomenologicamente, grupos familiares em seus domicílios, adentrávamos os espaços sem a preocupação de estabelecer limite de separação entre nós (pesquisadoras) e os outros (entrevistados), porque já estava claro que o entrelaçamento do ser aconteceria de alguma maneira, já que somos humanos e a nossa natureza sensível nos toca reciprocamente, bem como provoca em nós a experiência da transcendência, porque nos mobiliza a tornarmos-nos um ‘outro eu mesmo’, através da presença singular do outro.

Percebemos que este posicionamento abriu espaço para vivências que possibilitaram o desvelamento do ser. O trecho de fala abaixo, de um familiar contaminado por amianto, ilustra uma das vivências que caracterizou a relação sujeito-sujeito desenvolvida na entrevista fenomenológica:

*Eu estou com meu violão aqui, ele sempre me acompanha. Eu queria tocar umas duas modas de viola para vocês, umas modas que eu toco desde o tempo de moço. É o que faz eu me sentir feliz (Azul Marinho; viúvo, pai e sogro).*

As músicas cantadas por Azul Marinho mobilizaram em nós, pesquisadoras, sentimentos de saudade, angústia, além de nos remeterem também à crença em Deus. Desse modo, percebemos que a intersubjetividade favorece o entrelaçamento de sentimentos e contribui para a construção da personalidade.

Após finalizar a entrevista a este domicílio, presenciamos um diálogo estabelecido entre o filho de Azul Marinho, Azul Royal e o membro da associação, que permitiu o desvelamento de vivências que estavam na penumbra, como um fundo que se tornava figura, ficando em evidência. No diálogo, o familiar questionava se ele tinha direito a receber algum valor financeiro da empresa que explorou o amianto, em decorrência da morte de sua mãe, que teve diagnóstico de doença do amianto. Durante a entrevista nenhum dos componentes do grupo familiar havia trazido em suas falas essa preocupação em manter as finanças da família, e, naquele momento, se apresentou em evidência essa figura, a angústia do filho, pela percepção de que a

recente morte da mãe, bem como a provável morte iminente do pai, poderia impactar financeiramente a família.

Como desdobramento da vivência de uma relação horizontal entre pesquisadoras e grupo familiar, de uma relação sujeito-sujeito, experienciamos e sustentamos com a nossa presença e nosso olhar, o choro de um pai contaminado por amianto (Violeta Cristal) que vivenciava o luto pela morte recente da filha, bem como nos permitimos perceber o olhar distante, perdido nas lembranças do passado e na vivência de um presente atravessado por limitações físicas de Amarelo Canário, dentre outras situações que traduzem a intercorporeidade estabelecida durante a entrevista fenomenológica.

A entrevista realizada no domicílio de um grupo familiar composto por pai (contaminado por amianto), mãe e filha, teve a força de causar um movimento de transcendência em nós, pesquisadoras, porque os relatos trazidos por esta família expressaram a percepção sobre como ser resiliente e usar o artifício do humor para lidar com os desafios cotidianos do “viver contaminado por amianto”. Houve um encontro existencial entre os presentes, que permitiram a produção de “falas falantes”, e podemos dizê-las “falantes” pois trouxeram novos significados sobre o “ser doente do amianto”, um ser que não está em completo sofrimento porque busca ressignificar suas vivências:

*É para falar sério, não é para brincar não! Tudo ele leva na brincadeira! Quando ele adoecer, nós dizemos: Vamos ao médico! Ele diz: Ah, não vou não! Aí esses dias estava todo inchado (edemaciado) e mãe disse: Você vai ao médico, sim. E ele: Eu não, se eu estou inchando assim, é para amadurecer! (risos) (Amarelo Mel, filha).*

Nesta entrevista, percebemos o quanto nós, pesquisadoras, estivemos entremeadas aos demais sujeitos durante o trabalho de campo, inclusive por nos deixar vivenciar a própria exposição ambiental ao amianto. Todos os moradores do município de Bom Jesus da Serra estão expostos ambientalmente, portanto, apenas pelo fato de estarmos na localidade, já nos colocamos como expostos ambientais. Mas além disso, o domicílio desta família foi construído pelos rejeitos do amianto e está em estado de deterioração, o que contribui para que as fibras do minério sejam dissipadas, principalmente pelas intempéries (vento, chuva...). Apesar de termos utilizado os equipamentos individuais de segurança preconizados, a exposição nos fez refletir sobre a nossa relação de vulnerabilidade, intersubjetividade e intercorporeidade, enquanto pesquisadoras.

Na relação pesquisadoras-grupo familiar eram perceptíveis, a princípio, as diferenças nas condições socioculturais. Isto porque somos atravessados por vivências singulares. Essa realidade, a princípio, poderia causar um certo estranhamento e timidez, mas não tardava para que alguma fala inicial conduzisse o diálogo ao encontro para aquilo que nos assemelha. Os entrevistados cuidavam, o mais depressa, em oferecer um cafezinho, um lugar confortável para que pudéssemos nos sentar ou buscavam alimentar alguma curiosidade sobre o lugar de onde estávamos vindo.

### **RELAÇÃO ESTABELECIDADA ENTRE OS INTEGRANTES DO GRUPO FAMILIAR**

As pessoas entrevistadas neste estudo pertencem a grupos familiares, e seus membros fazem parte do mesmo contexto sociocultural, portanto, traziam para o momento da entrevista, uma espécie de fundo compartilhado, de onde brotaram figuras de singularidade e diferenciação, esboçando-se um modo singular de cada qual ser, perceber, ver, falar, ouvir, movimentar-se. Assim, salientamos que estar junto a seu grupo de origem possibilitou que os membros familiares vivenciassem maior intersubjetividade durante a entrevista fenomenológica, já que *“invadimo-nos um ao outro na medida em que pertencemos ao mesmo mundo cultural”*.<sup>17:228</sup>

Segue relatos que caracterizam a intersubjetividade expressa pelos grupos familiares.

#### Família Azul

*Na época (do falecimento da mãe) me entrou uma preocupação, um desespero, fui obrigado a procurar um médico e tomo remédio até hoje. Com a perda de minha mãe eu fiquei muito abalado. Agora minha preocupação já é por meu pai (Azul Royal, filho).*

#### Família Amarela

*[...] Se eu o ver meio lá, meio cá, eu digo: Hoje você não amanheceu bem. Eu conheço o jeito dele andar, a gente conhece o jeito (Amarelo Ouro, esposa).*

*(risos) [...] Eu não queria deixá-lo ir para São Paulo (o pai fez uma viagem para participar de um encontro do amianto). Eu quase morro de preocupação; nem comia quando ele foi para lá, e ele também disse que nem se alimentava direito preocupado comigo. Eu ficava acordada quase a noite toda, preocupada. E no mesmo dia que ele foi, ele disse que sonhou com mãe e mãe sonhou com ele, ela acordou dando cada*

*par de grito [...]! E perguntei: Foi o quê? [...] Ela disse que foi sonhando com o velho e ele disse que sonhou com ela. Como é que pode? No mesmo dia! (Amarelo Mel, filha).*

Família Violeta

*Morreu minha esposa, ficou minha filha. [...] Amanheceu um dia e eu falei: Oh, minha filha, você está doente? Não, papai! Tô doente não! [...] Um dia eu cisme: Você está doente! Vamos para o hospital! Cheguei lá e mandei medir logo a diabetes; já tinha secado o rim. Tem uns nove meses que ela faleceu. Aí eu fiquei assim... (Violeta Cristal, pai).*

*[...] Ainda estou falando, movimentando bem, comendo bem, reconhecendo meus amigos, prosando, estudando a escritura, eu sou um crente, todo domingo eu estou na igreja. Ah, como faz bem para mim estar junto a meus irmãos, porque nós todos somos irmãos, não tem ninguém que não seja irmão, é tudo filho de Deus, de um Pai só (Violeta Cristal, pai).*

Percebemos, desse modo, na intersubjetividade das entrevistas com os grupos familiares, a expressão do “eu penso”, a visão de mundo dos membros da família e seu entrelaçamento com os demais, bem como a percepção do inacabamento de sua fala, quando outro membro se sentia tocado pela ‘fala falante’ anterior e acrescentava algo novo a respeito do que se dizia sobre a experiência de conviver com a doença do amianto.

## **DISCUSSÃO**

Esta discussão foi construída tomando por base, a Ontologia da Experiência do Filósofo Maurice Merleau-Ponty, mais especificamente nos textos da sua obra ‘A prosa do Mundo’: *O fantasma de uma linguagem pura, A ciência e a experiência da expressão, A percepção do outro e o diálogo*.<sup>18</sup>

No estabelecimento da relação dialógica entre pesquisadoras-grupo familiar pesquisado, partimos da premissa de que o outro não pode ser visto de frente por mim, como alguém fora de mim, fora do meu campo. As pessoas não possuem uma subjetividade fechada em si mesmo, velada ao outro. Elas são como dois círculos quase concêntricos; o que nos aproxima é a nossa natureza sensível e o que nos

diferencia é o nosso universo sociocultural. Compreendemos que não somos um universo fechado, abordamos um ser semelhante a nós e nos colocamos nessa relação de igual.<sup>18</sup>

Desse modo, o entrevistado não pode estar inteiramente localizado, porque isso suporia objetificação do outro. A relação entre 'eu e o outro' implica em entrelaçamento, mesmo na vivência estabelecida entre pesquisador-entrevistado. Merleau-Ponty nos elucida que a percepção do outro reside no fato de que o seu corpo está no campo de outrém, aparece no movimento da sua experiência, ele figura em seu mundo.<sup>18</sup>

Assim, abrimo-nos à vivência de experiências que deram forma às ideias de intersubjetividade que trazíamos conosco, iluminadas pela Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty,<sup>13</sup> e que reforçaram a necessidade de ruptura com as dicotomias sujeito-objeto: as músicas cantadas, as lágrimas percebidas, as expressões de angústia ou quaisquer outras, não foram apenas dos entrevistados, foram se entremeando no nosso sensível, e foi a ocasião das entrevistas que as mobilizaram em nós, porque a intersubjetividade proporciona o entrelaçar de sentimentos.<sup>18</sup>

Pudemos perceber que a "fala falante" dos entrevistados operaram em nós, pesquisadoras, um rearranjo de signos e significações existentes para depois transfigurar e objetar uma significação nova. Nós temos a impressão de termos desvelado a experiência por nós mesmos; no entanto, foram essas 'falas falantes' que nos transformaram e nos tornaram capazes de compreendê-las. Elas possuem, portanto, uma linguagem viva.<sup>18</sup>

As visões de mundo do grupo familiar nos permitiram reconhecer algo nosso, mas que só se revelou a partir do encontro, por meio da intersubjetividade. Cada entrevista nos possibilitou acessar um lugar que outrora nenhuma entrevista tinha-nos levado; cada encontro nos permitiu chegar a uma vivência de "corpo próprio" diferenciada<sup>18</sup>. Assim, diante do outro sendo realmente outro, a intersubjetividade pôde ser experimentada nas entrevistas fenomenológicas. Merleau-Ponty nos elucida que no diálogo há encontro, percepção de sincronidades e transformação, tanto de um quanto do outro. Num certo momento, pode haver desorientação ou surpresa, mas há um encontro no que se tem de diferente, e isso supõe transcendência.<sup>19</sup>

Durante toda a experiência de vivenciar a entrevista fenomenológica com grupos familiares, nós pesquisadoras, fizemos o exercício perceptivo da figura-fundo,

que Merleau-Ponty nos traz enquanto percepção do visível e do invisível. A cada momento em que percebíamos um novo fenômeno no transcorrer da entrevista, éramos afetadas no aqui e no agora e uma nova figura vinha à tona por meio do aparecimento de novo contorno. A ‘fala falante’ dos entrevistados reverberaram em nós uma nova percepção sobre algo que estava sendo visto na penumbra, e figuras que estavam imanentes se tornaram transcendententes. A percepção das novas figuras, que eram invisíveis e se tornaram aparentes, se deu pela utilização do nosso corpo-próprio e de nossa temporalidade, esse horizonte de experiências já vividas e também de futuro, e todos os sentidos se combinaram para percebermos a fala, os gestos, o olhar, a respiração do outro-eu mesmo.<sup>19-20</sup>

Por se tratar de pessoas que convivem entre si, é natural o reconhecimento de que cada membro familiar está diante de seu semelhante; existe uma pertença comum a um mesmo mundo, o corpo de um é como uma réplica do outro, ele é um outro-eu-mesmo.<sup>13,18</sup> Houve um entrelaçamento de uns com os outros, principalmente porque no grupo familiar coabitam duas noções de coexistência: uma coexistência intrínseca, por fazer parte da espécie humana e uma coexistência do ponto de vista sociocultural, que é o compartilhamento de vivências sociais e culturais. Eles figuram o mesmo contexto, desse modo, o adoecimento de um acaba impactando nas vivências em saúde de todo o grupo.<sup>21</sup> Apenas um familiar tinha o diagnóstico de doença do amianto, mas todos os demais compartilhavam vivências e sentimentos comuns, como a preocupação e o medo.

Esse movimento linguístico intercorporal movimentou o grupo; lançou o outro em direção ao que se sabia, ou orientou-se em direção ao que se iria compreender. Esse movimento acontece porque o outro é como um prolongamento de si mesmo; ele é a resposta milagrosa que recebemos de algum lugar quando estamos em busca de algo que nos escapa, algo que está esvaziado de nós. Quando estamos diante dele, que é como uma extensão do nosso ‘eu infinito’, algo nos acrescenta, um rebento brota.<sup>18, 20</sup>

Diante do outro, o ‘eu penso’ pode emigrar para fora de si mesmo, através da linguagem. O olhar que lançamos para fora de nós sobre o mundo que nos atravessa não é o olhar do todo do mundo, é apenas uma parte dele, mas é o nosso todo no momento em que o objetamos para fora de nós. No instante seguinte, o que era visão do todo passa a ser parte, quando o outro recebe o nosso ponto de vista pela outra

ponta e o lança para nós, nos arrebatando. Assim o outro é capaz de preenchê-lo com aquilo que escapava de nós, mas que era parte dele.<sup>18</sup>

O diálogo que se deu no grupo familiar mediado pela entrevista fenomenológica, possibilitou ao entrevistado rever signos e significações, cifrar seu pensamento, dar novo sentido àquilo que já foi pensado anteriormente, mas que estava inacabado. Nesse sentido, a expressão da linguagem nos conduz à percepção de que ela sempre está inacabada e o processo de objetar significações equivale ao processo de reconhecer-se vivo e de vivenciar a potência do seu corpo próprio. O que um membro da família diz tem objetivo de produzir sentido para si e de comunicá-lo ao outro (outro membro familiar ou o pesquisador); assim se dá a universalidade do sentir: o que era a universalidade apenas para um, torna-se universalidade reconhecida para o grupo.<sup>18</sup>

Desse modo, nesta experiência intersubjetiva, quando lançávamos a questão norteadora, havia um movimento perceptivo de uns para com os outros durante a exposição de suas falas. A 'fala falada' de um, se tornava 'fala falante' quando um membro familiar, partindo da fala anterior, produzia um sentido novo, suscitava outros 'novos sentidos', como se acendesse reflexos instantâneos na profundidade do saber anterior de alguém.<sup>18</sup>

Este estudo mostrou que a entrevista fenomenológica realizada em grupo acrescenta, de forma significativa, às modalidades de produção de informações utilizadas nas pesquisas de abordagens qualitativas, uma vez que promove a relação dialógica e intersubjetividade, características fundamentais à ruptura da dicotomia sujeito-objeto, tão refutada pelas ciências humanas. Os encontros com as famílias, mediados pelas entrevistas, consistiram em oportunidades de partilha de sentimentos, reflexões, produção de saberes e construções teóricas, relacionadas à temática da contaminação por amianto.

## **CONCLUSÃO**

Este estudo possibilitou ressignificar a entrevista fenomenológica, dando-lhe o verdadeiro *status* requerido pela fenomenologia, que é a produção do saber mediante relação intersubjetiva. Trata-se, portanto, de conferir o caráter grupal a essa modalidade de entrevista. A experiência de realizar entrevista fenomenológica em grupos de familiares permitiu a descrição de vivências constituídas por meio do

encontro existencial entre os membros da família, bem como entre pesquisadoras e participantes do estudo; possibilitou o acesso a estruturas significantes da linguagem para a compreensão do “outro-eu-mesmo”, da transcendência que nos ocorre na relação com os semelhantes. Assim, mediante a intersubjetividade, se fez ver o desvelamento do ser do humano e a aproximação da dimensão invisível vivenciada pelas famílias vítimas da contaminação pelo amianto.

Portanto, compreendemos que na entrevista fenomenológica em grupo, principalmente em grupo sociocultural aproximado, como os grupos de famílias de nosso estudo, existe o encontro de mais subjetividades, o que potencializa o processo intersubjetivo. Nesse sentido, pela potência da intersubjetividade alcançada nas entrevistas fenomenológicas em grupo, apontamos a importância de sua utilização como método de descrição vivencial, que se difere da entrevista fenomenológica individual e do grupo focal.

Durante as entrevistas aprendemos que essa técnica de produção de vivências não é apenas um instrumento para produzir informações, mas, um mecanismo de transformação, de mudança no modo de ver o mundo, de ver as coisas, as pessoas; uma possibilidade de tornar-se outro. A fenomenologia significa reaprender a ver o mundo, e a entrevista fenomenológica com o grupo familiar permitiu-nos experimentar a fenomenologia na vivência prática. As entrevistas abriram possibilidade à transcendência, não apenas para nós, mas também para os participantes da pesquisa.

Portanto, o estudo contribuiu para ratificar que a entrevista fenomenológica em grupo produz conhecimento aprofundado que, no contexto da saúde, poderá subsidiar a formulação de políticas de cuidado aos diversos grupos sociais, a exemplo das famílias vítimas da contaminação por amianto.

## REFERÊNCIAS

1. D'Arede CO, Freitas MC, Lima MAG. Os mineiros do amianto: da lã do minério à contaminação do mal. In: Lima MAG et al. Estudos de saúde, ambiente e trabalho: aspectos socioculturais. Salvador: EDUFBA, 2017, p. 145-56.
2. Kwak K, Zoh KE, Paek D. Incidence of Cancer and Asbestos-Related Diseases among Residents Living near Abandoned Asbestos Mines in South Korea: A Retrospective Cohort Study Using National Health Insurance Database. *Int J Environ Res Public Health*. 2021;18(875):1-15. <https://doi.org/10.3390/ijerph18030875> (Accessed on 10 mai 2021)

3. Brims FJH, Kong K, Harris FJA, Sodhi-Berry N, Reid A, Murray CP et al. Pleural Plaques and the Risk of Lung Cancer in Asbestos-exposed Subjects. *American Journal of Respiratory and Critical Care Medicine*. 2020;201(1):57-62. doi: 10.1164/rccm.201901-0096OC. (Accessed on 16 dez 2022)
4. Carey RN, Pfau JC, Fritzler MJ, Creaney J, Klerk N, Musk AW et al. Autoantibodies and cancer among asbestos-exposed cohorts in Western Australia. *Journal of Toxicology and environmental health*. 2021;84(11):475-83. <https://doi.org/10.1080/15287394.2021.1889424> (Accessed on 23 jan 2022)
5. Janosikova M, Nakladalova M, Stepanek. Current causes of mesotelioma: how has the asbestos ban changed the perspective? *Biomed Pap Med*. 2023;167(2):99-108. <https://doi.org/10.5507/bp.2023.008> (Accessed on 20 jan 2024)
6. Musk AW, Klerk N, Reid A, Hui J, Franklin P, Brims F. Asbestos-related Diseases. *Int J Tuberc Lung Dis*.2020;24(6):562-67. <http://dx.doi.org/10.5588/ijtld.19.0645> (Accessed on 05 out 2022)
7. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Ambiente, trabalho e câncer: aspectos epidemiológicos, toxicológicos e regulatórios / Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. – Rio de Janeiro: INCA, 2021.
8. Mazzeo A. Disastri invisibili e pratiche di attivismo. *Antropologia*. 2017;4(1):203-19. DOI: <https://doi.org/10.14672/ada20171186%25p> (Accessed on 05 ago 2022)
9. Prado E, Sales CA, Girardon-Perlini NMO, Matsuda LM, Benedetti GMS, Marcon SS. Experience of people with advanced cancer faced with the impossibility of cure: a phenomenological analysis *Esc Anna Nery*. 2020;24(2):1-8. <http://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2019-0113> (Accessed on 20 nov 2022)
10. Scavone L. Amianto: Impacto das doenças profissionais nas famílias. *França-Flash Saude*. 1997;13:1-2. (Accessed on 02 fev 2022)
11. Scavone L, Giannasi F, Thébaud-Mony A. Cidadania e doenças profissionais: O caso do amianto. *Perspectivas*. 1999;22:115-28. (Accessed on 15 abr 2022)
12. Baran FDP, Mercês NNA, Sarquis LMM, Rosa LM, Mensi C, Brey C. Itinerário terapêutico revelado por familiares de pessoas com mesotelioma: Estudos de casos múltiplos. *Texto Contexto Enferm* [Internet]. 2019;28:1-15. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2017-0571>. (Accessed on 10 ago 2022)
13. Merleau-Ponty M. *Fenomenologia da Percepção*. 5 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes; 2018.
14. Bauer MW, Gaskell G. *Pesquisa qualitativa, com texto, imagem e som: Um manual prático*. 13ª ed. Petrópolis: Editora Vozes; 2021.
15. Paula CC, Padoin SMM, Terra MG, Souza IEO, Cabral IE. Modos de conduçãoda entrevista em pesquisa fenomenológica: relato de experiência. *Rev Bras Enferm*. 2014;67(3):468-72. doi: <https://doi.org/10.5935/0034-7167.20140063> (Accessed on 02 fev 2021)
16. Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saude*. 12 ed. São Paulo: HUCITEC; 2010.
17. Sena ELSS, Gonçalves LHT, Muller Granzotto MJ, Carvalho PAL, Reis HFT. Analítica da Ambiguidade: estratégia metódica para a pesquisa fenomenológica em saúde. *Rev Gaúcha Enferm*. 2010;31(4):769-75. <https://doi.org/10.1590/S1983-14472010000400022> (accessed on 08 jun 2021).
18. Merleau-Ponty M. *A prosa do mundo*. 1 ed. São Paulo: Editora Cosac Naify; 2012.
19. Merleau-Ponty M. *O Visível e o Invisível*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva; 2014.
20. Alvim, MB. O lugar do corpo em Gestalt-Terapia: dialogando com Merleau- Ponty. *Revista IGT na Rede*. 2011;8(15):228-38. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs/> ISSN 1807-2526 (accessed on 20 jun 2021).
21. Carvalho PAL, Malhado SCB, Constâncio TOS, Ribeiro IJS, Boery RNSO, Sena ELS. Cuidado humano à luz da fenomenologia de Merleau-Ponty. *Texto & Contexto Enfermagem*. 2019;28:1-11. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2017-0249> (accessed on 18 out 2023).